

POR QUE DEIXAREI A MARINHA?¹

MELANIE C. BUTLER²

Capitão-Tenente (USN)

Tradução de: BERNARD DAVID BLOWER

Almirante-de-Esquadra (Ref³)

Eu não quero deixar a Marinha, mas deixarei. Eu sei disto, mesmo quando debato – com meu marido – a possibilidade de continuar pelo menos durante o meu tempo de serviço na chefia de departamento. Embora verdadeiramente aprecie ser um oficial de Guerra de Superfície, não poderia exercê-lo nos próximos 15 anos.

Por que deixarei a Marinha?

Há várias razões, algumas das quais já dei conhecimento ao Comandante de Operações Navais e a um grande número de oficiais-generais. Mas muito pouco oficiais modernos se abrirão completamente a um almirante, de modo que a extensão do problema ainda não poderá ser apreciada.

Há diversos elementos: a falta de vencimento compensatório para o serviço feito;

a falta de confiança na liderança superior; a falta de compreensão a respeito do equilíbrio entre a vida pessoal e profissional; e o desapontamento na perda da característica guerreira que permeava a Marinha quando eu estava na Escola Naval.

A mais forte razão para minha decisão de deixar a profissão que escolhi, todavia, é a total ausência de prazer, acrescida do entendimento de que a liderança superior está relutante em aceitar o fato de que a Marinha está falida.

O que eu entendo por “prazer” é o deleite e satisfação que acontecem quando se executa uma tarefa que se ama. É a exaltação que acontece quando a gente se levanta pronto para enfrentar um novo dia cheio de desafios e oportunidades. É a pura satisfação que se

¹ N.R.: Publicado originalmente na revista norte-americana *Proceedings*, de abril de 1999.

² N.R.: A autora é oficial qualificada para a Guerra de Superfície. Teve duas comissões em dois navios e foi selecionada para a escola de chefes de departamentos.

sente no fim de um dia árduo, sabendo que você fez alguma diferença no mundo.

É isto que é “prazer” para mim.

O fato de eu ainda continuar na Marinha me coloca dentro de uma minoria.

No fim-de-semana da minha reunião quinzenal em Annapolis, fiquei surpresa que somente 25% da minha turma estava presente. E ainda mais surpresa fiquei ao saber que cerca de 80% dos presentes estavam fora da Marinha.

Ao longo das minhas conversas com meus colegas sobre suas novas carreiras e como iam suas vidas, notei que se sentiam bastante felizes com suas decisões. O interessante sobre nossas conversas foi que ninguém falou sobre as razões pelas quais saíram da Marinha. Todos já tinham entendido.

Durante as primeiras semanas do “verão dos calouros”, um dos meus orientadores me perguntou o que eu queria fazer na Marinha. Eu respondi que havia entrado para me tornar uma oficial da inteligência ou da criptografia.

Resposta errada.

Eu fui informada enfaticamente que estava lá para ser uma guerreira, que eu estava entrando na Marinha para matar pessoas.

Isto me fez ficar perplexa – ainda que bem dentro de mim eu tenha compreendido que poderia ter de dar uma ordem que resultasse na morte de alguém. Afinal, isto é que se entende como serviço militar.

Eu não penso que eu jamais teria me considerado uma guerreira – mesmo que ser assim considerada fosse um elogio –, até que me encontrei com o meu primeiro comandante no USS *Whidbey Island* (LSD-41), Capitão-de-Fragata Terry Pierce.

Honestamente, eu posso dizer que nunca encontrei um oficial como o Comandante Pierce. Embora declarasse ser apenas um caipira do sertão de Oregon, ele era uma pessoa altamente educada, bastante lido das guerras passadas e do presente. Era um apaixonado pela Guerra Civil norte-americana e adorava aplicar os esquemas de manobras de guerra do Corpo de Fuzileiros Navais às batalhas da Guerra Civil e às situações do dia-a-dia a bordo. Ele me ensinou como pensar diferentemente, buscando superfícies e brechas; focalizando a vulnerabilidade crítica da situação; e pensar dois níveis acima para tornar mais fácil o trabalho do chefe. Ele confiava na minha intuição quando eu fui seu oficial de convés. Ele pedia dados para serem empregados em desde programas de ação para o navio até correções gramaticais nos esbo-

Ele me ensinou como pensar diferentemente e pensar dois níveis acima para tornar mais fácil o trabalho do chefe

ços dos artigos que ele escrevia para a *Proceedings*. Ele tinha algumas indiossincrasias que, ocasionalmente, nos deixava malucos, e havia ocasiões em que eu não o entendia de modo algum – mas eu

ainda o respeitava tremendamente. Eu desejava ser um comandante tão bom como ele era, mas descobri rapidamente o quanto em minoria ele estava.

Muitos dos outros oficiais superiores que encontrei estavam tão preocupados em alcançar o posto acima, que eles não se davam conta do tempo que se dedicavam àquele objetivo e às dificuldades que causavam ao pessoal que trabalhava para eles. Como consequência disto, estes mesmos oficiais superiores eram temerosos em contradizer ou manifestar aos seus superiores a verdade. Nenhum comandante de navio confessaria ao seu comodoro que seu navio não estava pronto para cumprir sua

missão – e, como resultado, a guarnição sofria.

Não consigo começar a contar o número de horas que permaneci a bordo (quando não estava de serviço) tentando terminar um serviço de “emergência” para uma desnecessária inspeção que era supostamente apenas uma “visita de assistência para treinamento” – mas que o comandante tratava como se fosse uma verdadeira inspeção da Comissão de Exame da Propulsão.

Nós nos concentramos na fútil minúcia administrativa e, como resultado, as práticas necessárias à guerra, que devemos aperfeiçoar, estão erodindo.

Por que nove de cada dez oficiais modernos não querem comandar? Por que alguém gostaria de se colocar sob contínua tensão, longas noites ausentes da família, esperando algum possível contratempo, ou a angústia de que algum de seus oficiais ou membros da guarnição possa cometer algum engano ou acidente que custaria o prosseguimento de sua carreira?

Depois do Comandante Pierce, ainda estou para encontrar um comandante que classificaria seu comando no mar como um “prazer”.

Eu não penso que o comando de navio é o que a maior parte dos oficiais superiores não mais desejem; o comando no mar é visto como um mal necessário no caminho para o almirantado.

Nós, jovens oficiais, não perdemos nosso patriotismo ou nosso compromisso com

a liberdade – nós meramente perdemos os “óculos de lentes cor-de-rosa” que nos distribuíram na cerimônia de declaração de guarda-marinha.

Para muito mais de nós que se poderia esperar, a Marinha não é mais uma aventura – é uma tarefa que se estende cada vez mais cada dia.

Eu gosto de ir para o mar e ser uma guerreira. Mas a Marinha não é mais uma atividade de ir para o mar ou de ser uma atividade bélica. É a do dia-a-dia, uma fútil administração; é micromanejar as vidas pessoais e profissionais do seu pessoal; é aquela que tem suas mãos atadas quando tudo o que você quer é o que for melhor para nossos marinheiros.

Eu conheço a “linha do partido”: as coisas estão mudando. Se há realmente uma mudança, eu não a vejo – eu não posso me convencer de que as reduções no Inter-Deployment Training Cycle permanecerão. Chame-me de cética, mas eu creio que “eles” somente muda-

rão o nome dessas “inspeções” para “visitas de auxílio” e nós todos sabemos o que acontecerá com elas.

Eu, realmente, não creio que um único tenente possa fazer a diferença – embora eu tenha me esforçado bastante dentro de minha esfera de responsabilidade.

Quando eu chegar no fundo, a Marinha não será mais um “prazer”.

E se não é um “prazer”, por que fazê-lo?

Muitos dos outros oficiais superiores que encontrei estavam tão preocupados em alcançar o posto acima, que eles não se davam conta do tempo que se dedicavam àquele objetivo e às dificuldades que causavam ao pessoal que trabalhava para eles

☐ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<PESSOAL> / Carreira / ; Tradução ;